

# CONSOLADOR

## Comunidade Espírita Cristã

Ano 12 • nº 45 • Julho/ Agosto/ Setembro de 2017

Distribuição gratuita

### Editorial



**D**iante dos acontecimentos de comovente expressão que estamos vivenciando e que atinge toda a população terrestre, só nos cabe buscar arrimo numa doutrina capaz de nos dar apoio, esclarecimento e sustentação à nossa fé em Deus, nosso Criador e Pai. Jesus pouco antes de retornar ao mundo espiritual previu tudo isso, razão porque anunciou aos apóstolos a vinda de outro Consolador – “para que ele fique eternamente convosco, e estará em vós” (Jo 14:15). Ao anunciar o Consolador desta forma, diz-nos Kardec, não há como deixar de reconhecer que isto só pode ser aplicado a uma doutrina que, quando compreendida e assimilada, pode permanecer para sempre conosco ou em nós.

O Consolador, assim, personifica uma doutrina eminentemente consoladora, que na época oportuna viria trazer aos homens as consolacões de que iriam precisar, pois não as encontrariam nas religiões que desvirtuaram completamente os ensinamentos do Cristo por não falarem à inteligência nem tocarem o coração pois, baseadas em dogmas sem comprovação, acabaram levando os homens à descrença, ao materialismo

e, conseqüentemente ao desvario.

O Consolador, que é a 3ª Revelação, surgiu em 1859 com o nome de Espiritismo, dado por seu codificador Allan Kardec, porque só esta doutrina, em seu tríplice aspecto de ciência, filosofia e religião, possui condições para realizar todas as promessas do Consolador e ensina que: sendo Deus, amor, sabedoria e justiça, tudo no universo está impregnado da perfeição sublime. Então, cabe-nos buscar as razões de todos os sofrimentos dentro de nós mesmos. Trata-se da lei de causa e efeito à qual Jesus fez várias referências: “a sementeira é livre, a colheita é obrigatória; quem julga será julgado; quem toma a espada perecerá pela espada; mas se perdoares teu ofensor, o Pai Celestial perdoará igualmente teus erros” etc. Há que se considerar que a lei de causa e efeito, ou de ação e reação é absoluta só no plano físico. No plano espiritual é relativa, porque ações positivas no presente corrigem o passado negativo.

“É imperioso lembrar que reflexos atraem reflexos e que não há pagamento sem justas atenuantes quando o devedor se revela amigo da solução dos próprios débitos. A prática do bem, simples e infatigável pode

mudar a rota do destino, de vez que o pensamento claro e correto, com ação edificante, interfere nas funções celulares, tanto quanto nos eventos humanos, atraindo

em nosso favor, por nosso reflexo melhorado e mais nobre, amparo, luz e apoio, segundo a lei de auxílio.” (Emmanuel - *Pensamento e Vida* - Cap.14)

### AS ÚLTIMAS PALAVRAS DE JESUS NA CRUZ

**E**ntre os apóstolos presentes à crucificação de Jesus, segundo narram os evangelhos, João anota como sendo estas suas últimas palavras: “Está consumado!”. Para os cristãos e entre eles nós, espíritas, o Mestre deixava-nos sua última lição no final do drama do calvário, ao concordar com o final anunciado por Ele mesmo para exemplificar sua vida e seu messianato junto à humanidade. Já os apóstolos Mateus e Marcos detêm-se na frase que tinham estas palavras antes de serem traduzidas para outros idiomas: “Eli, Eli lemá sabactâni? (Mateus 27:45) e “Eloí, Eloí, lamá sabactâni? (Marcos 15:34). A tradução para o português nos chegou por João Ferreira de Almeida, pastor protestante português, filiado à Igreja Reformada Holandesa (final do século XVII). A partir da terceira edição revisada e editada em 1711, as palavras são estas: “Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?” (Edição revista e atualizada no Brasil).

Ela soa como um disparate; pois, se Jesus havia anunciado que tudo aquilo ocorreria...

Esta frase parece-nos mostrar fraqueza moral de Jesus, total falta de lógica quanto à sua personalidade. Mas existem motivos para esta enigmática tradução, como veremos adiante.

“Meu Deus, meu Deus, quanto me glorificais!”. Com ela, o Mestre pontificava o final de sua missão na condição de encarnado entre os homens.

No evangelho de Lucas, que não foi discípulo de Jesus e portanto não participou do drama do calvário, encontramos estas como as últimas palavras de Jesus: “Pai, em tuas mãos entrego meu espírito!” (versículo 46 capítulo 23). Ele cumpria assim, de maneira lógica e coerente o seu messianato.

Sobre as traduções do Novo Testamento que nos chegaram, constatamos que sua elaboração teve

### AINDA NESTA EDIÇÃO

MARLENE NOBRE (1937 - 2015) .....	página 2
O LEITOR PERGUNTA .....	página 3
A MENSAGEM DE TEREZA D'ÁVILA .....	página 3
CANTO DA POESIA .....	página 4

uma evolução gradual dentro da complexidade para tal tarefa. Ela começou no fim do segundo século e foi até o quarto século d.C. Uma boa parte dos textos de que dispunham foram mantidos em estado tal que deixa muito a desejar, tanto quanto à tradução como aos acertos que foram feitos. Muitas vezes, os estudiosos apresentavam reconstituições muito mais engenhosas do que prováveis. Os doutores da Igreja, no processo da consolidação do cristianismo, quando se deparavam com alguma dificuldade ou ambiguidade bíblica, especulavam sobre o seu significado, procurando interpretá-lo. Uma vez resolvido o problema e apontada a solução, esta era aceita como dogma que, com o tempo, acabava por adquirir força de um fato real. Então, elas não são tão confiáveis como tantos afirmam.

As palavras “Meu Pai, Meu Pai, por que me abandonastes?”, geralmente consideradas como citação retirada do Salmo 22:1, do Velho Testamento e apresentadas como as últimas palavras de Jesus, parecem mais uma interpretação pouco agradável, negativa mesmo, de Jesus diante dos que presenciaram o drama do Calvário, soando como uma derrota em seu messianato.

Outros estudiosos mostram outras traduções. Uma revista rosacruziana mostra a palavra glorificastes em lugar de desamparastes (ou abandonastes). Se é uma indagação, o por que me glorificastes(?) fica sem sentido. Temos também outra tradução, a do siríaco, que mostra a última fala de Jesus como sendo: “Era este o meu destino”, mas esta não colheu simpatia unânime dos estudiosos.

Charles Lancelin, numa nota de uma de suas obras afirma que embora a tradução mostrada na bíblia seja exata, não menos exata será se substituída, letra por letra, do hebraico que não tem vogal: “Meu Deus, meu Deus, quanto me glorificais!”. Contudo, segundo ele, esta frase era a afirmação sacramental dos mistérios da religião dos egípcios. São Jerônimo, o tradutor do Evangelho de Mateus, achou por bem colocar o primeiro versículo do salmo 22 (atribuído a Davi – Velho Testamento) substituindo a afirmação sacramental egípcia, porque existiam ainda muitos iniciados hierofantes na época, e os padres, conhecendo esta afirmação, certamente não iriam aprovar a tradução. Lancelin, por sua vez, ao contrariar a tradução de São Jerônimo, tinha a intenção de afirmar que Jesus era um iniciado nos mistérios do Egito, justificando que a frase “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonastes?” ficaria mais coerente na filosofia judaica.

Conclusão: universalmente consagrada, esta possível troca de frases permanece nas traduções da bíblia, criando embaraços nas interpretações das seitas cristãs. Contudo, verificamos quanto mais lógica e racional é a tradução da última frase de Jesus, ouvida pelos apóstolos Mateus e Marcos: “Meu Deus, meu Deus, quanto me glorificais!”. Com ela, o Mestre pontificava o final de sua missão na condição de encarnado entre os homens.

*Gerson Sestini*

*Fontes: 1) Revista “Rosacruz”, Fraternidade Rosacruz de Portugal. Internet 2) Jesus, dos 13 aos 30 anos – Francisco Klörs Werneck - 12ª ed. Editora Eco*

## MARLENE ROSSI SEVERINO NOBRE (1937-2015) UMA VIDA PELA CAUSA ESPÍRITA

**N**asceu em Severínia, interior do Estado de São Paulo. Seus pais, Pedro Severino Júnior e Ida Rossi Severino eram espíritas. Comprometidos com a causa espírita desde solteiros, eram muito ligados a Cairbar Schutel – o baluarte do Espiritismo da cidade de Matão. Segundo revelação de Chico Xavier, Marlene se comunicava com Cairbar antes de reencontrar-se, o que se concretizou seis meses antes da desencarnação do “Bandeirante do Espiritismo”. Passou sua infância sucessivamente nas cidades de Buritama, São José do Rio Preto e Tabapuã onde Pedro, seu pai, dedicava-se ao ramo de farmácia. A família acabou mudando-se para São Paulo para que os filhos pudessem estudar.

Por sugestão de uma amiga, Marlene, já moça, decidiu estudar em Uberaba (MG), cidade que passaria a abrigar o médium Chico Xavier. Durante o curso de medicina, espírita que era, conviveu com o médium e atuou junto dele na Comunhão Espírita Cristã. Certamente, ainda não suspeitava que viria a se tornar a maior divulgadora em todo o mundo de estudos que tratam da interface entre a medicina e o espiritismo. Retornando a São Paulo, lá conheceu o destacado político Freitas Nobre (1921-1990) com o qual se casou em 1964, nascendo-lhes 2 filhos, adotando ainda uma menina.

Como médica ginecologista, acumulando ainda as funções de dirigente de centro espírita; articulista e repórter do jornal Folha Espírita; palestrante; escritora, teve uma vida intensa. Na década de 70 fez palestra no Consolador, nossa comunidade, pois era amiga pes-

soal de um de nossos diretores.

Marlene Nobre foi uma das principais conferencistas do movimento espírita brasileiro e internacional, articulou a fundação e tornou-se presidente da Associação Médico Espírita do Brasil, entidade que acabou gerando congêneres em países tão distintos quanto Cuba e EUA.

Entre muitas de suas obras escritas destacam-se as seguintes:

“O Dom da Mediunidade”; “Nossa Vida no Além”; “A Obsessão e Suas Máscaras; Chico Xavier – Meus Pedacos do Espelho”, sua última obra.

O jornal “Folha de São Paulo”, na edição de 10/01/2015 termina o noticiário sobre a Dra. Marlene com estas informações:

A ginecologista, que morreu na segunda (5), aos 77 anos, de infarto, era editora da “Folha Espírita”, criada em 1974 por Freitas Nobre, presidia o “Grupo Espírita Cairbar Schutel” e integrava a diretoria do “Lar do Alvorecer”, abrigo para 230 crianças.

Semanalmente, divulgava a doutrina espírita em programas de rádio e TV.

Viúva, Marlene deixa os filhos, Marcos, Marcelo e Marília, além de netos.



*Fontes: Folha de São Paulo (Claudio Augusto), Internet- entrevista a Ismael Gobbo, Gerson Sestini.*

## O LEITOR PERGUNTA

**Frequentadora** – Tenho vontade de fazer Regressão de Memória. O que vocês me aconselham?

**Equipe do Consolador** – Cara irmã, vamos passar a Chico Xavier a resposta para esta sua solicitação, encontrada em livro: “Para mim, o esquecimento do passado na reencarnação é a mais sábia das leis. Existem coisas que fizemos ou que nos foram feitas que não suportaríamos lembrar sem que nos acontecesse o eclipse da razão. Respeito os que se interessam pela chamada Terapia de Vidas Passadas, no entanto o nosso Emmanuel acredita que não devemos enredar por este caminho movidos pela curiosidade. Entre mil casos, talvez houvesse indicação terapêutica em um deles... No entanto, repito, cabe-nos o maior respeito pelos nossos irmãos que estão conduzindo pesquisas nesse sentido. Eu não gostaria de saber detalhes do que fui em existências passadas...” (\*)

**Visitante** – Moro em outro estado e vim conhecer esta comunidade a convite de um frequentador e apreciei bastante a reunião. Eu gostaria de saber se existe nesta casa um médium principal, cujo guia dê orientações e mensagens do mundo espiritual.

**Equipe do Consolador** - Caro irmão, agradecemos suas palavras considerando-as um incentivo para continuarmos nossas atividades. Respondemos sua pergunta explicando que desde a fundação, em 1973, o Consolador tem como única estrela que fulgura na comunidade a própria Doutrina Espírita, conscientizados que somos que é ela quem nos dá todas as diretrizes para bem funcionarmos. Temos médiuns que trabalham sob a luz da própria doutrina em vários setores. Eles recebem mensagens e orientações restritas à reunião. Não contamos com psicógrafos ostensivos que deem mensagens comprobatórias, pois estes são raros.

(\*) *Orações de Chico Xavier. Editora: LEEPP.*

## A MENSAGEM DE TEREZA D'ÁVILA

**S**omente a poderosa antena psíquica de Chico Xavier conseguiria captar em processo teledinâmico as palavras da grande taumaturga espanhola do século XVI. Obtida no dia 14 de outubro de 1954, em Pedro Leopoldo, ao final dos trabalhos dedicados à desobsessão do Grupo Meimei, a mensagem gravada seria levada à posteridade. Para tal esforço da espiritualidade, na fase terminal das tarefas daquela noite, o espírito José Xavier, através dos

canais psicofônicos do médium mineiro, avisou-os fraternalmente para que se mantivessem em prece por alguns minutos. “Recebemos, na noite de hoje, a palavra, distanciada embora, de quem há sido, para muitos de nós, um anjo e uma benfeitora: Teresa d'Ávila”. A mente do Chico prepara-se, qual se fosse um receptor radiofônico. Repetirá, automaticamente, com certa zona cerebral mergulhada em absoluta amnésia, as palavras de luz da grande alma. “Rogamos

aos companheiros se mantenham em oração e silêncio, por mais dois a três minutos”.

Anos mais tarde, referindo-se àqueles sublimes momentos que antecederam a mensagem, Arnaldo Rocha, que dirigia aqueles trabalhos, revelou em entrevista que, ao lado da sala onde se realizava a sessão havia uma pocilga que exalava desagradável odor na noite quente. Um notável fenômeno de efeito físico seguiu-se então no ambiente, transubstanciando-se aquele nauseabundo cheiro em suave perfume de rosas. As primeiras palavras ouvidas transportaram os ouvintes aos longínquos ambientes de Castela e Leão do Império Espanhol, comandado então por Felipe II, ao qual o Brasil também passara a pertencer no século XVI.

“Por muito se adiante a alma no tempo, há sempre tempo para que a alma reconsidere a estrada percorrida, abastecendo-se de esperança no amor daqueles a quem ama, assim como o viajante no mar provê a si mesmo de água doce, a fim de seguir à frente.”

Original a ideia de comparar a esperança do amor com a água doce em pleno oceano. Recordemos que vivia-se a época das

grandes navegações. Em seguida, o iluminado espírito faz duas citações evangélicas, as quais justifica e explica, como o fazia em suas explicações literárias.

“Há tempo de semear e tempo de colher”, diz nossa experiência da Escritura.

E, se juntos partilharmos a promessa, não seria justo olvidarmos uns aos outros no dia da realização.

“Deixai crescer reunidos o trigo e o joio, até que venha a ceifa”, recomendou por sua vez o Senhor.

Entretanto, a palavra de sua Sabedoria não nos inclina à indiferença. E, lembrando-a, não curamos de ser o trigo porque hoje nos vejamos fora do escuro sedimento da carne e nem insinuamos sejais vós o joio por permanecerdes dentro dela.

Vemos na interpretação evangélica o carinho e a humildade com que trata os encarnados aos quais se dirige. E tira a ilação:

Recordamos simplesmente que todos trazemos ainda no campo das próprias almas o joio da ilusão e o trigo da verdade, necessitados da mercê do Celeste Cultivador.

E exorta-nos:

Irmãos, não é apenas por regalar-se o espírito na confiança que

Expediente

CONSOLADOR  
Comunidade Espírita Cristã

Publicação do Consolador - Comunidade Espírita Cristã  
Rua Cinco de Julho, 276 - Copacabana  
www.consolador.org

**Presidente:** José Corni  
**Vice-Presidentes:** Sandra Aurora A. dos Santos, Anuska de Carvalho L. Moreira  
**Diretor Doutrinário:** Gerson Sestini  
**Jornalista Responsável:** Vivian Rodrigues  
**Designer Gráfico:** Gilbert Esmério Corni  
**Cartas para este jornal:** Aos cuidados do Consolador Rua Cinco de Julho, 276 - Copacabana - 22051-030 - Rio de Janeiro - RJ  
e-mail: [jornal@consolador.org](mailto:jornal@consolador.org)

se lhe descortinarão as portas da vida glorificada, mas sim por se lhe acendram o conhecimento e a virtude, através do trabalho bem sofrido e da caridade bem exercitada.

Em seguida, Teresa faz a comparação dos equívocos do passado, incluindo a opção de sua vida monástica, com as luzes da atualidade.

Outrora, buscávamos a paz na quietude do claustro, na suposição de que a vitória pudesse brilhar à distância da guerra contra as nossas próprias faltas, e disputávamos a posse do santo sepulcro do Excelso Rei, ao preço de sangue e lágrimas dos semelhantes, como se lhe não devêssemos o próprio coração por escabelo aos pés divinos.

Hoje, porém, dispomos de suficiente luz para o caminho e não seria lícito permutar o pão da sabedoria pelo fel da loucura.

Sinaliza, em seguida, a necessidade de direcionarmos os conhecimentos mal utilizados no passado possibilitando-nos, através da reencarnação, o reencontro com os seres que se encontram em esferas superiores.

Enquanto os séculos de sombra e impenitência se escoam no pó do mundo, preparaí nesse mesmo pó, erigido em tabernáculo de carne, os séculos futuros, em que nos reuniremos de novo para a exaltação do triunfo eterno.

Enalteçamos o sacrifício, aprendendo a renunciar para possuir, a perder para ganhar e a morrer para viver.

Finalizando, pede-nos esforço e renúncia perante aos apelos do mundo, paciência nos resgastes de nossas faltas para alcançarmos a liberdade almejada junto ao Criador. Certamente, o próprio Chico Xavier, ligado a esse espírito por eras imemorais, era a figura eleita naquela mensagem.

Por algum tempo ainda padeceremos o cativo das nossas culpas e transgressões, mas, em breve, aceirando o trilho escabroso e bendito da cruz, exalçaremos, diante da Majestade Divina, a nossa libertação para sempre.

Que o Senhor seja louvado.

Teresa d'Ávila

*Comentários: Gerson Sestini*

*Fonte: Xavier, Chico. Instruções Psicofônicas, FEB, 1955. Rio de Janeiro/RJ*

cância de nossas aquisições e valores, qualquer definição de Deus nos escapa por insuficiência de percepção e compreensão.

O verme defrontado pela excelssitude da natureza, jamais conseguirá, em sua condição, penetrar as leis da botânica e a ave pequenina, embora refletindo nas asas tenras o fulgor solar, não pode analisar os fenômenos da luz. Entretanto, o verme e a ave atendem às funções que lhes cabem na economia do mundo e envolvem, dia a dia, para mais altos recursos da forma, no caminho do progresso constante.

Seria temeridade de nossa parte desafiar a Divina Sabedoria com qualquer classificação de seus atributos.

Espíritos humanos em desenvolvimento, no corpo físico ou fora dele, não podemos trair a posição em que nos situamos, competindo-nos, por agora, não a veleidade de compreender o Plano do Universo, mas sim a obrigação de acatar-lhe os desígnios, abraçando o serviço que a Lei nos reserva no campo de aperfeiçoamento que nos cabe lavar.

Ainda assim, se buscamos exata notícia do Criador, adotemos a de Cristo que no-lo revelou na posição de "Nosso Pai". Nosso Pai que nos provê de recursos em todas as necessidades e que se acurva amoroso e solícito na proteção para todas as criaturas. Nosso Pai que vela pela magnificência dos astros com a mesma ternura com que sustenta a larva no subsolo.

Em verdade, por agora, nossa inteligência é demasiado estreita para conter qualquer conceituação do Infinito, cabendo-nos, por bênção e honra, o trabalho incessante no bem para libertação e aprimoramento de nossas possibilidades virtuais.

Pelo coração, no entanto, ser-nos-á possível buscar o exemplo de Jesus e sentir o Supremo Senhor por Nosso Pai de Sabedoria e Misericórdia. Através do amor, a estrela se comunica com o grão de areia e se a gota do oceano não lhe pode medir a extensão e a grandeza, traz consigo, na intimidade da própria estrutura, o gosto característico do mar.

*Fonte: Canais da Vida. Psicografia de Francisco Cândido Xavier. GEEM, 1986.*

## CANTO DA POESIA

*A prosa poética de Emmanuel justifica o texto nesta seção.*

### DEUS NOSSO PAI

A pedra sonha com a sensação de planta.

A árvore aspira o instinto animal.

A fera vislumbra a inteligência.

O selvagem candidata-se à luz da razão.

O homem deseja para si o brilho do anjo.

E o anjo entrevê a celeste escalada de posições que ainda lhe cabe atravessar no rumo da integração com a Munificência Divina.

Seres em crescimento, tão distantes da sublimação, quanto o orangotango ainda se encontra longe de nós, na insignifi-

“N ão há fé inabalável, senão a que pode encarar face a face a razão, em todas as épocas da Humanidade. À fé, uma base se faz necessária e essa base é a inteligência perfeita daquilo em que se tem de crer. Para crer, não basta ver, é preciso, sobretudo, compreender. A fé cega já não é para este século. É precisamente ao dogma da fé cega que se deve o ser hoje tão grande o número de incrédulos, porque ela quer impor-se e exige a abolição de uma das mais preciosas faculdades do homem: o raciocínio e o livre-arbítrio.” Allan Kardec - *O Evangelho Segundo o Espiritismo*